

Resenha

O Ensino na Sociedade do Conhecimento: Educação na era da insegurança, de Andy Hargreaves, Editora Artmed, 2004

Alexandre José Silva¹

Indubitavelmente, há textos que nos pegam e nos sacodem. Têm a capacidade de fazer com que a discussão promovida por eles ou mesmo a narrativa feita por eles, de algum modo, nos incomodem, nos toquem, nos coloquem no eixo do assunto, exigindo diálogo imediato. Nesse sentido, no afã de iniciar a produção desta resenha, o turbilhão de ideias que sacudia minha pessoa exigia uma escrita frenética. O grande poeta Mário de Andrade já dizia que *escrever é tentar agarrar a velocidade-luz do pensamento*², e assim o fiz, sem menosprezar, é claro, os aspectos que regem um texto de viés acadêmico.

E, agora, posso dizer que felizmente o culpado de tudo foi o livro que escolhi para a resenha: *O Ensino na Sociedade do Conhecimento: Educação na era da insegurança, de Andy Hargreaves, Editora Artmed, 2004*. Já que inicio uma reflexão, julgo importante esclarecer a respeito da condição em que me encontrava no período pré-leitura do livro.

Confesso que na minha insipiente e preconceituosa visão, não esperava, ou quem sabe até mesmo não quisesse, ficar tão extasiado com um texto que não figurava no rol de minhas leituras. Todavia, ao me deparar com a obra de Andy Hargreaves, já no título, a seguinte indagação surgiu: *educação e insegurança* podem atuar como estruturas parelhas? Mesmo que a resposta imediata fosse um grande sim, na minha singela concepção a educação seria uma forma de segurança: pessoal, familiar, social etc. Pensei, então, em algo bem simples de se fazer antes de iniciar a leitura: buscar o significado das palavras do título da obra no dicionário³. Embora pareça sem importância, a consulta ao dicionário me fez chegar ao seguinte ponto:

Quer dizer, então, que O ENSINO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO: EDUCAÇÃO NA ERA DA INSEGURANÇA é = transmissão de princípios que regulam a conduta humana e a vida em sociedade por um grupo de pessoas com interesses comuns, que, sob determinada norma ou regulamento, se organizam em torno de uma atividade, um objetivo: transmitir um conjunto das

¹. Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC – SP. Professor do Curso de Letras da FIP (Faculdade Integrada Pontencial)

². Citação que se baseia nas reflexões existentes no livro *Macunaima, o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopes. Paris/São Paulo: Archivos/Unesco/CNPq, 1988. Republicado em Mariodeandradiano. São Paulo: Hucitec, 1996.*

³. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

informações e princípios armazenados pela humanidade por meio de aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano a partir de um período de tempo que serve de base a um sistema cronológico ou que começa com um fato histórico notável ou marcante, ou que origina uma nova ordem de coisas, podendo gerar a sensação ou sentimento de não estar protegido, seguro e até mesmo a falta de confiança em si mesmo, em suas próprias qualidades ou capacidades.

Iniciei a leitura da obra e pude retirar das significações dicionarizadas o que o autor deixa claro já na introdução, pois é a sua base de análise (ressalto que os capítulos lidos me fizeram retificar muitas coisas que imaginava serem certas e pacíficas):

A educação deve lidar com as consequências humanas da economia do conhecimento, ensinando para além dela, bem como para ela, acrescentando à agenda da reforma valores que construam comunidade, desenvolvam capital social e uma identidade cosmopolita. Isso significa transformar mais uma vez o ensino em uma profissão moral e visionária, na qual os professores conhecem e se preocupam com seu mundo e com seu trabalho, e isso se dá como parte desse trabalho. Significa os professores reconquistarem seu status e sua dignidade entre os principais intelectuais da sociedade, e não serem meros técnicos, instrumentos e aplicadores das agendas de outras pessoas. Significa serem ativos em um mundo de adultos, bem como comprometidos com suas crianças (...) A sociedade do conhecimento está chamando. É hora de todos na educação garantirem seu direito de acesso e envolvimento com seus níveis mais elevados. A inventividade, o investimento e a integridade, assim como a identidade cosmopolita, são exigidos de todos nós. De outro modo, a insegurança e o pior serão tudo o que teremos, e não menos do que merecemos.

E aí, mais uma vez, fui me dar conta da pequenez e da idiotice da minha visão pré-leitura da obra. O título apresenta quatro grandes palavras (basilares para aquilo que entendo por docência): conhecimento, ensino, educação e sociedade. O que quero dizer com isso: ao fazer parte da sociedade, mesmo que não queira, recebo e promovo conhecimento. E mais do que isso, ao fazer parte da sociedade desempenhando o papel de professor, as leituras que realizei, realizo e realizarei influenciarão, sim, os 4 grandes pilares que perpassam a docência. Ou seja, os textos terão uma influência (e muito grande, diga-se de passagem) em minha profissionalidade.

Pois bem, o livro de Andy Hargreaves está estruturado em sete grandes capítulos, vinculados a partir da relação *ensino e sociedade do conhecimento*⁴. Relação importantíssima e que torna o livro inteiro significativo, pois, infelizmente, a insegurança circunda a sociedade do conhecimento

O mundo a que as escolas servem também se caracteriza por uma crescente instabilidade

4. Segundo o autor, a expressão *sociedade do conhecimento* foi um conceito criado pelo sociólogo Daniel Bell a partir de sua percepção a respeito da seguinte transformação econômica: mudança de uma economia industrial – o envolvimento das pessoas na produção de coisas – para uma economia pós-industrial – a força de trabalho concentrada em serviços, ideias e comunicação.

social. Os vínculos entre os cidadãos estão cada vez mais desgastados pelos efeitos fragmentadores da flexibilidade econômica. As pessoas que passam a maior parte de seu tempo produzindo e consumindo encontram cada vez menos tempo para a família ou a comunidade. Existe uma perda de confiança e uma suspeição crescente com relação à integridade política, empresarial e profissional. As lacunas que aumentam entre ricos e pobres jogam lenha na fogueira do terrorismo, da criminalidade e da insegurança que não pára de aumentar.

Já em seus capítulos, os títulos são extremamente interessantes e serão os topicalizadores das seguintes relações: capítulo 1 - encontraremos a seguinte premissa: o ensino e a sua finalidade na sociedade do conhecimento; capítulo 2 - a premissa de um ensino além da sociedade do conhecimento; capítulos 3 e 4 - a premissa de um ensino que existe independentemente da sociedade do conhecimento; capítulo 5 - o foco não recai na palavra ensino, mas na palavra que dialoga com ela, a escola e a sua relação na sociedade do conhecimento; os últimos capítulos (6 e 7) apontam para o futuro do ensino na sociedade do conhecimento.

O que vale mencionar de muito relevante no texto, entre tantos outros pontos, é o modo como o autor dialoga conosco acerca do papel da educação na sociedade do conhecimento, denominação que para ele é um equívoco, pois o que teríamos é uma sociedade de aprendizagem.

Para tanto, trará para o leitor as pesquisas realizadas em escolas nos EUA e Canadá a respeito da educação na sociedade do conhecimento. Assim, o intercâmbio entre teoria e prática é um ponto bem salutar, pois nos dá a dimensão exata do significado do título do livro e o porquê dos léxicos *Educação* e *Insegurança* funcionarem como estruturas sinonímicas. Já mencionei o quanto fiquei intrigado com o livro quando o li por completo.

Por conta disso, de todos os momentos de reflexão, indagação, pensamento e conversas que realizei comigo mesmo, o que mais me prendeu foi o capítulo 5 do livro – *A escola da sociedade do conhecimento: uma entidade em extinção*, páginas 141 até 171. Foi o capítulo que mais me fez pensar a respeito de uma possível ideia de uma educação escolar que daria certo. O autor revela a experiência de uma escola no Canadá (cidade de Ontário) que era exemplo de educação que dava certo por conta da gestão escolar que conseguia alinhar e comandar com produtividade todos os participantes da escola a partir de um pensamento sistêmico⁵. E tudo isso com o seguinte objetivo: a aprendizagem dos estudantes. Porém, as reformas educacionais surgem como empecilho ao andamento produtivo da unidade escolar, engessando e dismantelandando quaisquer possibilidades de uma educação e um ensino que fossem para além da sociedade do conhecimento. E por conta disso, a volta para um formato escolar rígido, de preocupação com metas e desempenho, de ensino para as provas, de manutenção da ordem, desconsiderando, pois, o papel dos professores e os colocando no centro de

5. No capítulo em questão, a expressão se refere ao envolvimento de todos os membros da escola na definição e organização dos objetivos propostos a fim de cumpri-los e atingi-los.

um espetáculo de fracasso e vergonha, desconsiderando, também, que o estudante do século XXI está imerso em um momento histórico totalmente diferente do momento de pelo menos 30, 40 anos atrás: o mundo hodierno pede uma maior integração social e se fundamenta no trabalho em redes e equipes. O mais paradoxal é que o avanço tecnológico parece fazer com que voltemos ao retrocesso educacional, ignorando o fato de que cada vez mais os tempos futuros pedem o desenvolvimento da aprendizagem profunda e não meramente avaliativa, pedem a criatividade e a inventividade, a busca constante de aprendizagem, os processos cooperativos e a capacidade de mudanças.

Por isso que o capítulo 5 do livro foi emblemático, pois se a escola analisada de uma nação rica e desenvolvida vê o perigo e as consequências perniciosas para o futuro da educação e do ensino, o que dizer das nações não tão desenvolvidas ou realmente pobres? O assustador é que poderemos entrar naquilo que Andy Hargreaves chamou de apartheid no desenvolvimento profissional e aprimoramento escolar. E, nesse ponto, o autor é sagaz em sua análise

as escolas e os professores de comunidades relativamente afluentes desfrutam de todos os benefícios das redes e comunidades de aprendizagem profissional (...) envolvem-se em equipes de aprendizagem e geram resultados finais, produzindo alunos com formação própria e capazes de visualizar o contexto geral (...) Enquanto isso, escolas e professores de comunidades pobres lutam à sombra do fracasso – essas escolas e sistemas preparam os alunos para participar de setores muito diferentes da economia do conhecimento. Eles aprendem a não construir conhecimento, desenvolver a inventividade e resolver problemas desconhecidos. O destino é saber ler, escrever e fazer contas, até onde possam servir e dar sustentação ao “trabalho leve” de seus superiores afluentes, em restaurantes, hotéis e outros empregos no setor de serviços.

É realmente desolador não poder discordar do autor quando ele revela o triste fato de que nós, a nação em desenvolvimento, a nação ainda pobre, fornecemos para a grande maioria dos jovens um desenvolvimento educacional sectário. E o pior: não conseguimos diminuir a distância entre os ricos (os que podem e têm o privilégio da aprendizagem para além da sociedade do conhecimento) e os pobres (que, infelizmente, serão lançados à servilidade por meio de tarefas de nível inferior na sociedade)

Por fim, o título que me prendera a atenção se expandiu em capítulos que promoveram um turbilhão de pensamentos, indagações e reflexões acerca da relação entre *educação e era de insegurança*. Infelizmente, neste momento pós-leitura, confirmo aquilo em que sempre acreditei: não há como dar um basta na pobreza. Porém, há um caminho que pode dar ao jovem, imerso nessa quilha cruel, uma condição de enfrentá-la: uma grande melhoria escolar a partir de caminhos sérios de desenvolvimento, de modo que a aprendizagem profunda gere, realmente, uma sociedade do conhecimento que pertença a todos e que todos, efetivamente, atinjam níveis elevados para enfrentar o futuro na sociedade do conhecimento.